

Excursão na Teologia Natural (Parte 23): O Argumento Ontológico 1/4

Seção 04 / Aula 23

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 23/09/2024, 19:00:44 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-04-06

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Anselmo e o argumento ontológico

Hoje, nos voltamos para um novo argumento, e o último que veremos em nossa aula. E este é o argumento ontológico para a existência de Deus. Temos um material impresso disponível para isso. Se precisar, levante a mão, e Marian entregará o material para você. Imediatamente. No ano de 1078, um monge beneditino chamado Anselmo, que mais tarde se tornou o Arcebispo de Cantuária, formulou um novo e ousado argumento para a existência de Deus, que fascina filósofos há mil anos. Um ano antes, em 1077, Anselmo havia terminado de escrever um tratado chamado Monologium, no qual apresentou argumentos cosmológicos e morais para a existência de Deus. Mas Anselmo estava insatisfeito com a complexidade do caso para o teísmo que ele havia desenvolvido, e ele queria encontrar um único argumento que provasse que Deus, com todos os seus atributos, em toda a sua grandeza, existe. Ele quase havia desistido da tarefa quando se deparou com a definição de "Deus"... Obrigado, Marian. A definição de "Deus" em latim é *aliquid quo nihil maius cogitari possit*.^[3]

O latim é ótimo. Você pode aprender essa frase e impressionar seus amigos quando eles perguntarem por uma definição de Deus! Ou seja, Deus é algo do qual nada maior pode ser concebido, ou, em um inglês mais idiomático, Deus é o ser mais grandioso que se pode conceber. Anselmo argumentou, em seu tratado seguinte, o Proslogium, que uma vez que você entenda a definição de Deus, uma vez que você entenda o que Deus é, então (se você realmente o entendeu) você verá que Deus deve existir porque se Deus não existisse, Ele não seria o ser mais grandioso que se pode conceber. Um ser mais grandioso concebível deve ser um ser existente. Caso contrário, não seria o maior. Portanto, a existência de Deus é inconcebível^[1] para qualquer um que realmente entenda a palavra "Deus" e entenda o que Deus é. Anselmo diz que é por isso que o Salmo 14:1 diz: "Diz o insensato no seu coração: 'Não há Deus.'", porque se essa pessoa realmente entendesse a palavra "Deus", então veria que Deus deve existir.

Então ele é tolo por dizer que o ser mais grandioso concebível não existe.

O conceito de Deus e as versões do argumento

O argumento de Anselmo passou a ser conhecido como o Argumento Ontológico, que vem da palavra grega *ontos*, que significa "ser". Ele assumiu várias formas diferentes, e foi defendido por alguns dos maiores pensadores da história da filosofia, por exemplo, John Duns Scotus, René Descartes, Benedictus de Spinoza, Gottfried Wilhelm Leibniz, e assim por diante. Qual é o fio condutor em todas essas diferentes versões do argumento que as une e as faz argumentos ontológicos? Acho que o fio condutor entre esses vários argumentos ontológicos é que todos eles tentam deduzir a existência de Deus a partir do próprio conceito de Deus, juntamente com algumas verdades necessárias. Os proponentes do argumento ontológico em suas várias formas sustentam que, uma vez que entendamos o que Deus é (uma vez que tenhamos uma concepção adequada de Deus, seja o ser mais grandioso concebível, ou o ser mais perfeito, ou o ser mais real), então veremos que tal ser deve de fato existir. Agora, esse argumento tende a polarizar fortemente os filósofos.

Por exemplo, o filósofo alemão do século XIX, Arthur Schopenhauer, caracterizou o argumento ontológico como "uma piada encantadora". Essa opinião é certamente compartilhada por muitos outros filósofos hoje. Por outro lado, o argumento foi levado muito a sério e, de fato, defendido como sólido por um bom número de filósofos do século XX, também de certa proeminência, como Norman Malcolm, Charles Hartshorne, e Alvin Plantinga. Dado que a versão de Plantinga do argumento é, creio eu, a mais sofisticada e o desenvolvimento mais recente do argumento, usaremos essa versão como base para nossa discussão do argumento ontológico. Na versão de Plantinga do argumento, ele adota a visão de Gottfried Wilhelm Leibniz de que o argumento ontológico pressupõe que o conceito de Deus é possível. Ou seja, o argumento pressupõe que o conceito de "Deus" ou "o ser mais grandioso concebível" é um conceito coerente. Ou, usando a semântica dos mundos possíveis, pressupõe-se que há um mundo possível no qual Deus existe.

Mundos possíveis e descrições da realidade

Para aqueles que não estão familiarizados com a semântica dos mundos possíveis, deixe-me dizer apenas uma palavra de explicação sobre isso, para que não sejamos induzidos ao erro. Quando falamos de mundos possíveis, não queremos dizer planetas ou mesmo outros universos. Na verdade, um mundo possível é simplesmente uma descrição máxima da realidade. É uma maneira como a realidade poderia ser. Acho que a maneira mais fácil de pensar em um mundo possível é como uma enorme conjunção de proposições – $p \ \& \ q \ \& \ r \ \& \ s$, e assim por diante. Esses membros individuais da conjunção (p , q , r , s) são proposições que podem ser verdadeiras ou falsas. Um mundo possível é uma conjunção composta por todas as proposições ou seus contraditórios, de modo que produza uma descrição máxima da realidade. Nada é deixado de fora de tal descrição. Negando diferentes membros da conjunção ou proposições, podemos chegar a diferentes mundos possíveis. Então, por exemplo, poderíamos chamar $M1$ essa descrição do mundo: $M1 = p \ \& \ q \ \& \ r \ \& \ s \dots$

Mas outras descrições do mundo poderiam ser: $M2 = p \ \& \ -q \ \& \ r \ \& \ -s$, e assim por diante. Ou $M3 = -p \ \& \ q \ \& \ -r \ \& \ s$, e assim por diante. Ou $M4 = -p \ \& \ -q \ \& \ r \ \& \ -s \dots$ Esses continuariam sendo a gama de mundos possíveis. Apenas uma dessas descrições será composta por proposições ou membros da conjunção, todos os quais são verdadeiros, e assim será a descrição verdadeira da

forma como a realidade realmente é. Essa descrição dignificamos dizendo que é o mundo atual. Um desses terá todos os membros da conjunção verdadeiros, e esse será o mundo atual.

Discussão: possibilidade e modalidade

Agora, vou pausar neste ponto e perguntar se há alguma pergunta de natureza compreensiva sobre o que são os mundos possíveis.

Aluno: Este sempre foi o argumento para Deus com o qual eu tive mais dificuldade de compreender. Eu só quero ter certeza de que estou entendendo até aqui. Isso é diferente da hipótese de multiverso, porque não estamos dizendo que cada um desses são mundos reais por aí. Estamos falando de um único mundo real, e esses são todos os diferentes modos que ele poderia ter sido, embora apenas um deles seja correto. Então é completamente diferente da hipótese de multiverso. Dr. Craig: Certo. Isso é diferente da hipótese do Multiverso ou da hipótese de Muitos Mundos na cosmologia ou na física quântica. Aqui, como eu disse, basta pensar nesses mundos como descrições – apenas grandes conjunções, como: "Ben Jones existe. Cindy Fox existe. Bryant Wright existe. William Craig existe." Isso é tudo o que é. É apenas uma grande descrição, e a descrição que é verdadeira é o mundo real.

Aluno: Para eliminar um mundo possível como um mundo possível, a única maneira de fazer isso seria encontrar uma contradição nele? Dr. Craig: Isso é uma boa pergunta. Vou dizer algo sobre isso em um minuto. Essas proposições obviamente precisam ser compatíveis, precisam ser capazes de ser verdadeiras no mesmo mundo. Certo? Caso contrário, isso é um mundo impossível. Então isso não é um mundo possível. Mas elas também precisam ser possíveis por si mesmas. A proposição em si precisa ser possível. Vou dizer algo sobre isso em um momento. Você precisa ter tanto cada membro da conjunção sendo possível em si mesmo, quanto a combinação deles precisa ser possível para ser um mundo possível também.

Aluno: Eu ia perguntar "o que você quer dizer com possível?" Quais são os pressupostos subjacentes de "possível?" Dr. Craig: Essa é uma pergunta realmente boa, e provavelmente é impossível defini-la! Porque é um conceito meio primitivo. A ideia seria atualizável ou realizável. Isso é algo que realmente poderia existir – realmente poderia ser realizável. Isso ajuda?

Aluno: Dado, talvez, as leis da física deste universo? Dr. Craig: Certo, Brad. Boa, boa, boa pergunta. Mas não, não leis da física. Existem diferentes tipos de modalidade, não é? Uma delas seria o que poderíamos chamar de modalidade física. Você diz que algo seria fisicamente possível se for consistente com as leis da natureza, e seria fisicamente impossível se contradizer as leis da natureza. Mas esse é um tipo de modalidade bastante restrito. Há coisas que podem não ser fisicamente possíveis, mas ainda são logicamente possíveis. O tipo de modalidade que está em jogo aqui é, novamente, esse tipo de modalidade mal definida chamada modalidade logicamente ampla. Estamos falando de possibilidade e necessidade logicamente amplas. Novamente, o que se quer dizer com isso? Queremos dizer que algo é logicamente amplo e possível se for atualizável ou realizável. Se realmente poderia ser real, então isso será algo logicamente amplo e possível. Às vezes isso é chamado de possibilidade e necessidade metafísica. Esse é outro rótulo.

Mas ainda é a mesma ideia, é algo realizável.

Discussão: liberdade e fatalismo

Aluno: Como você provavelmente se lembra, eu nunca achei que esse fosse um argumento muito bom. Acho que minha principal queixa é que outros chamados mundos possíveis não são possíveis. Só existe um mundo possível, e é este. A única maneira de você conseguir outro mundo seria obter um criador (como um teísta) para fazer isso. Tentar fazer com que Deus crie outro mundo possível, digamos, com um céu laranja em vez de azul ou onde um de nós não existisse, eu diria que é imaginativo e fantasioso. Em outras palavras, só porque você pode imaginar (que é o que esses filósofos estão fazendo) esses outros mundos, não significa que haja alguma maneira de qualquer outro mundo além deste ser possivelmente uma realidade. Então é por isso que eu nunca evocaria esse argumento. Dr. Craig: Já demos voltas nesse ponto antes. Acho que você simplesmente não entende. O que você está expressando é um tipo de fatalismo lógico onde tudo o que é verdade é necessariamente verdade, e não há possibilidades.

Na sua visão, é impossível, por exemplo, que Deus pudesse ter deixado de criar o mundo, ou é impossível que Pedro não negasse Cristo três vezes, ou é impossível que a segunda pessoa da Trindade assumisse uma natureza humana um segundo depois do que fez no ventre de Maria. Essas parecem ser afirmações totalmente implausíveis e realmente negariam a liberdade de Deus. Significaria que Deus também não tem possibilidades lógicas. Então, enquanto não estivermos concebendo essas coisas como mundos reais em algum lugar, mas simplesmente como formas que o mundo poderia ter sido, certamente existem contingências, existem possibilidades. Algumas dessas dizem respeito ao próprio Deus. Se você negar isso, você cai em um tipo de fatalismo lógico mesmo em relação a Deus, onde tudo o que acontece acontece necessariamente. E isso me parece obviamente errado, e também teologicamente pernicioso. Tornaria o mal necessário, por exemplo.

Aluno: Essas não são minhas atitudes, e não acho que elas necessariamente fluem da minha posição. Eu não vejo como isso flui – como um fatalismo lógico decorre da minha visão. Dr.

Craig: Mas você disse que só existe um mundo logicamente possível – este. Então eu não sei.

Aluno: Eu não sei o que você quer dizer com logicamente possível. Dr. Craig: Certo! É por isso que eu disse, não acho que . . .

Aluno: A lógica é deste mundo. Dr. Craig: É por isso que eu disse que não acho que você entenda aqui. A ideia é, como eu disse antes, estamos falando aqui de algo que é realizável. É atualizável. Essa realidade poderia ser assim. A liberdade da parte de Deus certamente exigiria que houvesse outras . .

Aluno: Claro que meu Deus tem a liberdade de criar o mundo que Ele quisesse. Mas o fato é que Ele não fez isso. Isso é o que estou dizendo. Qualquer outro que Ele não fez, foi por várias razões conhecidas apenas por Ele e Sua soberania. Ele escolheu não fazer isso. Eu posso imaginar "e se Ele tivesse feito?" ou "e se Ele não tivesse feito?" Isso é fantasioso para mim e não realmente baseado na realidade. Dr. Craig: Esses outros mundos não são reais. Isso é verdade. Mas eles são maneiras como o mundo poderia ter sido. Acho que você quer admitir isso. Você quer dizer que Deus tem a liberdade de fazer diferente e de ter feito diferente.

Aluno: Eu diria que eles não poderiam ter sido porque Ele escolheu não fazer isso, e, portanto, eles não poderiam ter sido. Se Ele tivesse escolhido fazer, então sim, seria realidade. Tudo bem, vamos para Dennis aqui e depois para Cindy.

Possibilidades como recurso de representação

Aluno: Meu entendimento disso é que é apenas um conceito para o discurso filosófico. É para responder aos "e se" de seu oponente no debate. Porque, caso contrário, não seria possível argumentar o Argumento Ontológico, a menos que você possa responder aos "e se". Se o seu oponente no debate disser: "Como você pode dizer que existe um ser maximamente grande se o mundo pudesse ter se feito sozinho?" Ou algo assim. Se vivêssemos em um universo onde as coisas surgissem do nada e pudéssemos demonstrar isso, então... Estou dizendo o que um oponente de debate poderia dizer sobre isso. Ele responde aos "e se". Dr. Craig: Parece-me que, seja no debate ou mesmo apenas em nosso próprio pensamento, entretivemos possibilidades o tempo todo. Isso é especialmente verdadeiro quando deliberamos sobre o que vamos fazer, e achamos que há possibilidades reais, que temos a liberdade de realizá-las ou não. Certo, e mundos possíveis, como você disse, é apenas uma maneira de conceituar isso. Eu vejo isso como uma espécie de ferramenta heurística.

Ela desempenha o mesmo papel que os diagramas desempenham em livros didáticos de matemática. Eles são simplesmente maneiras de representar isso. Dizer que algo é possível como "É possível que Cristo pudesse ter nascido um segundo depois" - para representar isso, você diz que há um mundo possível no qual Cristo nasceu um segundo depois. É apenas um auxílio visual, se preferir, para pensar em possibilidades e necessidades. E é uma ferramenta heurística muito útil porque muitas dessas questões seriam muito difíceis de entreter e pensar sem esses tipos de ilustrações.

Aluno: É uma maneira de considerar os contrafatuais. Dr. Craig: Eles desempenham um papel nisso também. Isso é verdade. Contrafatuais, como você disse, "Se eu fosse rico, então eu faria isso ou aquilo." Isso envolve mundos possíveis. Isso é verdade. Certo, vamos com Cindy. Estamos aqui? Espere, espere, espere. Vamos pegar o microfone para que todos possam ouvir.

Discussão: mundos e o argumento de Plantinga

Aluno: Estou apenas me perguntando se não é o uso da palavra "mundos" que é tangível causando confusão. É possível que Deus tenha criado este planeta, nossa existência, sem mangustos. Ele não fez isso, mas Ele poderia ter feito. Acho que esse seria um exemplo de mundo possível, mas é porque estamos usando essa palavra que está causando confusão. Não estamos mais pensando nisso como um conceito. Estamos tentando colocá-lo na realidade. Dr. Craig: Isso é absolutamente certo. É por isso que eu disse que, quando falamos de mundos possíveis, não estamos falando de planetas ou universos. Estamos apenas falando de uma descrição. Basta pensar nesta lista e são apenas proposições. É uma grande, longa conjunção de tudo o que é verdadeiro ou falso. É isso que é. E você chama isso de "um mundo". E um desses é verdadeiro. Uma dessas conjunções tem todos os membros da conjunção verdadeiros, e você chama essa de o mundo atual. Então é apenas uma descrição.

Aluno: Bem, para você é um mundo. Para mim é uma possibilidade. Dr. Craig: Isso está ótimo! É um mundo possível. Certo. No vídeo do Zangmeister que o Zangmeister está desenvolvendo

agora^[2] para o Argumento Ontológico, a maneira como ele escolheu retratar mundos possíveis (para evitar esse mal-entendido) é muito inteligente. Em vez de usar círculos ou globos que parecem mundos, ele usa portas. E ele mostra como você abre uma porta e lá dentro há unicórnios e elefantes cor-de-rosa, e você abre outra porta e há outra coisa lá dentro. Achei isso muito bom porque evita essa ideia de universos ou multiversos, esse tipo de coisa. Certo. Alguma outra pergunta sobre esse conceito? Sim, Steve.

Aluno: Neste ponto da discussão, algum desses p's e q's e r's inclui a existência de Deus? Dr. Craig: Sim, definitivamente. Agora, ainda não chegamos a isso, mas vamos deixar que "r" seja a proposição "Deus existe". Em M1 essa proposição é verdadeira, certo? Porque diz "r". Mas em M3 essa proposição é falsa porque diz "-r". Aqui temos um caso em que no mundo possível 1, Deus existe, mas no mundo possível 3, Deus não existe. Isso é absolutamente correto. É uma descrição máxima da realidade, então incluirá proposições como "Deus existe".

Aluno: Como, com o argumento ontológico, você permanece na linha do que é ontológico? Acho que se você vai para a questão dos mundos, todo mundo pensa nisso como um mundo físico. Se você vai para, digamos, Deus existe, como por exemplo, em um mundo designado que não pode existir sem um designer, então é Deus. Mas então você tem o argumento do design. Se você vai para o argumento cosmológico, onde há um universo e não o nada, então você tem o argumento cosmológico. Acho que uma das maiores dificuldades que tenho visto com o argumento ontológico é que é difícil manter-se estritamente filosófico. Dr. Craig: Bem, espero que quando olharmos para as premissas do argumento de Plantinga, isso nos ajude a nos mantermos na linha, porque ele lista os passos de forma muito explícita. A maneira como o argumento avança é que, se for possível que Deus exista, então Deus existe. Esse será o movimento que ele faz. A partir da mera possibilidade da existência de Deus, seguirá que Deus realmente existe. Essa é a maneira como ele raciocina.

Veremos se esse é um bom argumento ou não. Alguma outra pergunta de compreensão antes de encerrarmos?

Concebibilidade e imaginação

Aluno: Achei que você disse anteriormente que Anselmo estava dizendo que Deus é o ser mais grandioso concebível. Então eu olhei para o que escrevi, a tradução de Anselmo, e dizia maior do que pode ser concebido. Eu ouvi isso errado? Dr. Craig: Deus é aquele do qual nada maior pode ser concebido. Essa foi a sua definição. *Aliquid quo nihil maius cogitari potest*. Mais idiomáticamente, o ser mais grandioso concebível. Isso é o que Deus é. Se você puder conceber algo maior que Deus, então isso seria Deus. Então, por definição, Anselmo diz, Deus é o ser mais grandioso concebível.

Aluno: Então a concebibilidade limita Deus? Dr. Craig: Sim, na medida em que se o conceito de Deus for incoerente, então Deus não pode existir. Se o conceito de Deus for como o conceito de um solteiro casado, então Deus não pode existir. Essa é a visão que mencionei que Leibniz tinha. Leibniz disse que o argumento pressupõe que o conceito de Deus é um conceito coerente. Ele pressupõe que o conceito de Deus é passível de ser instanciado. Há um mundo possível no qual "Deus existe" é verdadeira.

Aluno: O que estou tentando dizer é que a concebibilidade é um elemento humano. Então, basicamente, isso é uma limitação. Dr. Craig: Certo. Agora, vamos voltar ao que Bob disse, porque ele fez uma distinção que acho que é interessante entre o que podemos imaginar e o que podemos conceber. Não estamos dizendo que Deus é o ser mais grandioso imaginável, porque isso estaria limitado à imaginação humana. Mas a ideia do ser mais grandioso concebível é a ideia de um ser que é logicamente impossível que exista algo maior do que ele. Há uma diferença entre imaginabilidade e concebibilidade. Por exemplo, posso conceber matematicamente um polígono de mil lados. Posso pensar em uma figura geométrica com mil lados. Não é difícil conceber. Mas eu não posso imaginar tal coisa. Não consigo formar nenhum tipo de imagem visual de um polígono de mil lados. Esse seria um exemplo de algo concebível mesmo que seja inimaginável.

Então, não estamos dizendo que Deus é limitado pela imaginação humana, mas simplesmente que Deus é o ser logicamente mais grandioso que pode existir. Se esse conceito for incoerente, então Deus não pode existir. Veremos como isso desempenha um papel muito, muito crucial no argumento. Certo.

Bênção final

Bem, vamos fazer uma bênção e encerrar nossa aula de hoje. E agora, que o Deus do qual nada maior pode ser concebido vá com vocês esta semana e preencha suas vidas com um senso de sua grandeza, sua majestade e sua glória. Por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Tratados e anos 1077/1078 mencionados na exposição. Não se acrescentaram edição nem paginação.

Autores e posições citados; obras específicas não individualizadas.

Nomes citados na aula; sem títulos ou referências editoriais inventadas.

Notas editoriais da revisão

[1] [Provável, análise editorial] Pelo encadeamento, seria esperável não existência. Entretanto PT, EN local e PDF p.207 dizem existência/existence. Preservada a formulação compartilhada, com esta ressalva explícita, sem apresentar inferência editorial como correção de tradução.

[2] [Certo: PDF p.212] Agora se refere à produção mencionada na aula original de 2016, sem promessa editorial de produção atual.

[3] [Certo: fontes textuais] O PT/EN local usam possit na primeira formulação e potest na retomada; o PDF usa potest. Preservadas as duas formas locais, sem uniformizar a fala latina.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-23>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-23/>